


# A PECULIAR MODERNIDADE CURRAIS-NOVENSE EM *OS BRUTOS*, DE JOSÉ BEZERRA GOMES

 10.5935/2177-6644.20220034


THE SPECIAL MODERNITY OF CURRAIS  
NOVOS IN *OS BRUTOS*, BY JOSÉ BEZERRA  
GOMES

LA PECULIAR MODERNIDAD DE CURRAIS  
NOVOS EN *OS BRUTOS*, DE JOSÉ BEZERRA  
GOMES

Fabiana Alves Dantas \*

 <https://orcid.org/0000-0002-3543-5341>

Alexandre Araújo da Silva \*\*

 <https://orcid.org/0000-0001-8091-4168>

**Resumo:** Analisamos *Os Brutos*, de José Bezerra Gomes, com base em autores como Sevcenko (1983; 2003), Vicentini (2007), Albuquerque Júnior (2011) e Medeiros (2015). Notamos na representação literária referência ao processo de modernização do município de Currais Novos/RN, identificando peculiaridades de uma modernidade socialmente excludente que combina noções de progresso material e tradição.


**Palavras-chave:** Os Brutos. José Bezerra Gomes. Modernidade.


**Abstract:** We analyzed *Os Brutos*, by José Bezerra Gomes, based on authors such as Sevcenko (1983; 2003), Vicentini (2007), Albuquerque Júnior (2011) and Medeiros (2015). We note in the literary representation a reference to the modernization process of the municipality of Currais Novos/RN, identifying peculiarities of a socially excluding modernity that matches notions of material progress and tradition.

**Key-words:** Os Brutos. José Bezerra Gomes. Modernity.

**Resumen:** Analizamos *Os Brutos*, de José Bezerra Gomes, a partir de autores como Sevcenko (1983; 2003), Vicentini (2007), Albuquerque Júnior (2011) y Medeiros (2015). Notamos en la representación literaria una referencia al proceso de modernización del municipio de Currais Novos/RN, identificando peculiaridades de una modernidad socialmente excluyente que mezcla nociones de progreso material y tradición.

**Palabras-clave:** Os Brutos. José Bezerra Gomes. Modernidad.

\* Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).  <http://lattes.cnpq.br/3501097795127741> - E-mail: [fabiana\\_lee@hotmail.com](mailto:fabiana_lee@hotmail.com).

\*\* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).  <http://lattes.cnpq.br/1876093662512655> - E-mail: [alexandrefelixds@gmail.com](mailto:alexandrefelixds@gmail.com).

## Introdução

José Bezerra Gomes (Currais Novos/RN, 09 de março de 1911 – Natal/RN, 25 de maio de 1982) é um nome de destaque no âmbito literário do Rio Grande do Norte. Sua obra é diversa, abarcando desde monografias históricas a contos, poemas e romances. Neste artigo, focalizamos o último gênero, em especial a obra *Os Brutos*, cuja primeira edição data de 1938.

Consideramos pertinente analisar *Os Brutos* a partir de uma questão relevante não apenas para compreender a obra de seu autor, mas também o contexto histórico ao qual ela está associada: o processo de modernização e os discursos construídos em torno dessa modernidade em sua terra natal, nesse caso, o município de Currais Novos, localizado na região do Seridó potiguar, cenário onde é ambientada a narrativa aqui discutida. Buscamos analisar a representação literária desse processo elaborada por José Bezerra Gomes de maneira a pensar sua relação com uma gama de elaborações discursivas sobre uma modernidade currais-novense durante a primeira metade do século XX, período marcado pelo avanço de um ideal de progresso local, especialmente a partir de dois ciclos que marcaram a economia do município: o da produção algodoeira e o da atividade mineradora.

A narrativa de *Os Brutos* apresenta forte relação com esse primeiro ciclo e, em razão disso, a consideramos uma fonte promissora para pensarmos a sociedade currais-novense desse período, tendo em vista que narrativas ficcionais não escapam das influências de seu contexto de produção, já que “mesmo que um livro de ficção não retrate personagens que existiram, o que se observa muitas vezes são livros que trazem situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram (MARTINS; CAINELLI, 2015, p. 3892). No caso de *Os Brutos*, devemos considerar que essa aproximação com o real é um fator marcante no conjunto da obra de Gomes (SOUZA, 2011) e, como veremos adiante, não é diferente com esse romance, que nos mostra como a literatura é utilizada como “compromisso com a vida” (NÓBREGA, 2011a, p. 14).

Cabe ressaltar que o discurso em torno desse ideal de modernidade em Currais Novos já vem sendo debatido há algum tempo, havendo trabalhos interessantes que analisam sua presença em jornais, revistas e até mesmo em representações fotográficas do município (CORTEZ; CÂMARA, 2004; MEDEIROS, 2011; ROCHA NETO; BARRETO; CARVALHO, 2016; SANTOS; BARROS, 2004). Entendemos, portanto, que discutir a obra de José Bezerra Gomes a partir desse enfoque gerará uma contribuição a esse tema, pensando em como sua narrativa se insere nesta relação com a modernidade. Além disso, acrescentará um ponto de vista relevante para se compreender o conjunto

de sua obra, que também já vem sendo tema de trabalhos acadêmicos, como os de Lima, Ribeiro & Silva (2015) e Medeiros (2015).

Quanto ao referencial teórico-metodológico deste trabalho adotamos a história cultural, pois nos voltamos ao âmbito das representações nessa esfera, cabendo ressaltar que não a compreendemos isoladamente, mas em relação com o social, com o objetivo de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1988, p. 16-17). O historiador Roger Chartier (1988) enxerga o estudo das representações como um caminho para atingir esse objetivo da história cultural, uma vez entendendo-a como percepções do social “sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1988, p. 17). Sendo assim:

Desta forma, pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1988, p. 19).

Outro autor importante, Nicolau Sevcenko (1983), atesta a importância de, no âmbito metodológico, preservar a riqueza estética e comunicativa do texto literário, mas sem perder o conjunto de significados condensados na sua dimensão social:

Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade incondicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais? (SEVCENKO, 1983, p. 20).

Partindo disso, se torna possível tomarmos a literatura como fonte e objeto para o estudo da história, já que ela abarca a aproximação com o real para fins de criação de uma narrativa plausível e convincente (PESAVENTO, 2000, p. 57). É assim que uma obra literária se transforma em promissora fonte histórica:

A literatura permite o acesso à uma sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver as sensibilidades, perfis e valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? (PESAVENTO, 2014, p. 82-83).

Desse modo, iniciamos analisando como Currais Novos é apresentada em *Os Brutos*, passando em seguida a uma discussão sobre a trajetória de José Bezerra Gomes, a fim de compreendermos de onde parte seu olhar sobre o processo de modernização local. Entendemos que

[...] a problematização [...] projeta-se nas representações culturais, transmitidas por signos prenhes de uma semiologia que ora excede, ora suplanta, ora refreia indícios de uma literatura centrada nas identidades sociais e nas subjetividades culturais em favor da promoção de direitos à diversidade humana (NÓBREGA, 2011a, p. 15).

Assim, discutimos na sequência as peculiaridades de sua representação literária sobre a modernidade currais-novense, pensando especialmente na relação dessa representação com viés regionalista que sua apresentação subjetiva produziu sobre essa “estranha” modernidade, reforçando o entendimento de que “a literatura é propícia a subsidiar as manifestações do imaginário” (NÓBREGA, 2011a, p. 167), servindo como um fator imprescindível na “junção de ‘visões de mundo’ e percepção do real” (NÓBREGA, 2011a, p. 168).

### **Currais Novos em *Os Brutos***

Começamos por um breve resumo do texto literário aqui discutido: trata-se de uma história curta, uma narrativa guiada por Sigismundo, menino proveniente da zona rural que é enviado pelos pais para morar temporariamente na casa dos tios em Currais Novos, a fim de que frequentasse as aulas do grupo escolar. Pelo olhar de Sigismundo conhecemos o cenário e as personagens de um lugar provinciano que experimentava a chegada de novidades associadas à alta da atividade da produção algodoeira.

A história inicia com uma menção à chuva que, no ambiente sertanejo, associa-se à prosperidade, tendo em vista o constante clima seco existente no imaginário das narrativas literárias nordestinas:

Há dois dias e duas noites que chovia sem parar em Currais Novos. A chuva acoitava nas telhas das casas fazendo goteiras nas calçadas. Uma de manhã foi indo até que limpou. O sol clareou nas poças de lama que a chuva tinha deixado. Os riachos foram baixando e baixaram. Mas de noite tornou a chover e os riachos tornaram a correr.

[...]

Agora eram os algodoeiros que estavam florando e acasulando nos roçados. Fazia gosto de dizer como tudo renascia na força e na esperança da safra. Algodão na folha estava dando um preço e haviam soltado tanto dinheiro nas feiras de Currais Novos que um homem das bandas da Zangareia tinha lavado o cavalo com cerveja e acendido um charuto com uma nota de cem mil réis (GOMES, 1981, p. 13).

Seu Tota e seu motorista Jesus são destaque nesse aspecto de um ambiente próspero graças ao ciclo do algodão. O primeiro, um homem que enriquecera com o comércio ligado a essa atividade: “Comprar algodão na folha era o mesmo que arrancar botija e não sabia mais o que possuía, tanto possuía” (GOMES, 1981, p. 20); o segundo, um motorista galanteador contratado em Natal para dirigir aquele que era até então o único automóvel existente em Currais Novos. Sua

postura desafiadora em relação às ordens do patrão se justificava em razão de saber quão difícil seria para ele convencer outro natalense a se deslocar para trabalhar no interior.

Outras personagens vão aparecendo ao longo da narrativa sem terem uma relação especial com o ciclo do algodão. Eles servem para dar vida a um cenário no qual, para além dessa prosperidade econômica, verificamos também a existência de pobreza e uma boemia conflitante com os aspectos de uma tradição conservadora ancorada especialmente em preceitos cristãos. Quanto a esse primeiro ponto, a pobreza, é interessante notar que o próprio título se refere à gente pobre e carente de instrução do lugar, pois se trata de uma inspiração baseada em como a mãe de José Bezerra Gomes chamava os trabalhadores alugados da família, semelhantemente ao que faz a mãe do menino Sigismundo na obra:

‘Os Brutos’, romance que iniciou o ciclo (frustrado) do romance regionalista entre nós, contou José Bezerra, lhe fora inspirado por sua mãe, Dona Veneranda (na intimidade, Dona Venera) que, ciosa de suas tradições patriarcais, não via com bons olhos as relações de amizade do filho com os trabalhadores rurais, a quem ela chamava de ‘os brutos’, por seu analfabetismo e humildade (ROQUE, 1993 *apud* SOUZA, 2011, p. 128).

Sobre a rejeição a tudo que violasse os valores conservadores, um bom exemplo é o caso de Tio Lívio e a prostituta Rica, ambos associados à Rua do Aterro, apresentada na obra como o lugar destinado aos divertimentos mundanos que tanto preocupavam os defensores da moral e dos bons costumes, como os avós do menino Sigismundo que desaprovavam o caso com muita veemência: “Meu avô sabia de tudo e de desgosto não lhe botava mais a benção. Minha avó pensava que fosse coisa feita e estava fazendo novenas para o filho largar a puta. Mas meu tio estava cada vez mais de cabeça virada e só via terra que Rica pisava” (GOMES, 1981, p. 16).

Pelo exposto até aqui já podemos notar que a narrativa elaborada por José Bezerra Gomes era um tanto ousada para a época de publicação da primeira edição de *Os Brutos*, em 1938. Esse aspecto é, inclusive, destacado pelo escritor Nei Leandro de Castro em prefácio da edição de 1981, utilizada neste trabalho, quando afirma que as cenas não fazem concessões ao puritanismo da província (GOMES, 1981, p. 11). Essa característica é importante para pensarmos a respeito da própria recepção de *Os Brutos* em Currais Novos, visto que, para além da ousadia referente a temas que permeiam a obra e a própria linguagem utilizada, há também uma mistura de realidade e ficção muito nítida. Por exemplo: a Rua do Aterro existiu, de fato. Há ainda a menção ao status do importante comerciante Vivaldo Pereira de Araújo, citado na obra como um pai orgulhoso do filho que retorna a Currais Novos formado em Direito. Sobre isso, inclusive, sabemos por meio de depoimento de seu filho, o ex-governador do Rio Grande do Norte, José Cortez Pereira, apresentado na obra *Centenário de José Bezerra Gomes*, de Joabel Rodrigues de Souza (2011), que o pai

mantinha um exemplar de *Os Brutos* trancado no cofre, considerando-o um verdadeiro escândalo: “Foi no cofre que encontrei o livro, que li, inteirando-me da sua crítica à sociedade” (PEREIRA *apud* SOUZA, 2011, p. 126).

Desse modo, percebemos que a Currais Novos de *Os Brutos* é permeada por contradições sociais. A obra não se trata de um enaltecimento da terra e, ao pôr em evidência contradições ali existentes, a publicação chegou a provocar um incômodo. O reconhecimento da qualidade literária do autor parece ter vindo mais de fora, como pode ser verificado em muitas críticas positivas publicadas em jornais de outros estados, principalmente de Minas Gerais, onde José Bezerra Gomes residiu temporariamente para estudar Direito, retornando ao Rio Grande do Norte anos mais tarde. Elas podem ser consultadas nos anexos de *Centenário de José Bezerra Gomes* (2011).

Com isso, podemos avançar tentando compreender a obra a partir de uma investigação sobre a trajetória de José Bezerra Gomes, tendo em vista a importância de “situar o agente em seu grupo e no contexto social em que se encontra inserido” (SCHWARCZ, 2013, p. 56).

### **José Bezerra Gomes, o intelectual**

Ao analisarmos os dados biográficos mencionados por Joabel Rodrigues de Souza (2011), vemos que o início da vida de Gomes pode ser considerado comum no que se refere aos descendentes de famílias renomadas em âmbito local, na realidade do Seridó potiguar, no início do século passado. Neto do Coronel José Bezerra, importante nome da vida social e política currais-novense, nasceu em 1911, na fazenda da família, a Fazenda Brejuí, poucos anos após a oficialização da Vila Currais Novos, ocorrida em 1890. Este dado é muito significativo para a análise de sua produção literária, visto que cresceu presenciando o início da vida urbana currais-novense.

As primeiras letras foram estudadas em casa, com um professor particular. Em seguida, continuou os estudos no Grupo Escolar Capitão-mor Galvão, em Currais Novos, e, na sequência, partiu para os estudos na capital Natal, frequentando o Colégio Santo Antônio e depois o tradicional Ateneu Norte-Rio-Grandense. Após o Ginásio, mudou-se para Belo Horizonte, cursando Direito na Universidade de Minas Gerais. Uma trajetória de formação, em geral, seguida comumente pelos filhos das abastadas famílias seridoenses. Mas José Bezerra Gomes acrescentou algumas peculiaridades em seu caminho, o que lhe rendeu alguns problemas políticos e apontamentos de reprovação em Currais Novos: envolveu-se com movimentos associados à esquerda política durante os estudos em Natal e, no governo de Getúlio Vargas, foi preso ao ser acusado de ser comunista (SOUZA, 2011, p. 22).

Disso podemos concluir que estamos falando de alguém que, mesmo nascido no seio de uma elite local, apresenta uma trajetória associada a uma intelectualidade questionadora das coisas. Apesar da formação em Direito, pouco exerceu a profissão de advogado, singrando pelos caminhos da cultura e da política, tornando-se membro de instituições como o Instituto Genealógico Brasileiro, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a Academia Potiguar de Letras; exercendo o cargo de vereador em Currais Novos, onde desenvolveu trabalho voltado especialmente para o desenvolvimento de atividades culturais no município; e sendo ativo na escrita – o que já fazia desde os tempos do Ginásio e da Universidade –: “Dr. Gomes, inquieto, ansioso e confuso, tornou-se escritor, romancista, ficcionista e poeta” (SOUZA, 2011, p. 24).

A relação com a cidade natal, quando se deu seu retorno após concluir o curso de Direito em Belo Horizonte, parece ter sido marcada por uma oscilação entre um respeito proveniente do status do qual desfrutava sua família e os julgamentos negativos referentes às peculiaridades de sua personalidade, sendo visto como alguém associado à esquerda política, além de ter enfrentado, ao longo da vida, problemas psiquiátricos que o desestabilizavam periodicamente (não temos uma informação precisa a respeito de qual era sua doença). Conviveu, portanto, com o estigma da “loucura” e, conforme assinala José Cortez Pereira em depoimento:

Em Currais Novos encontrou discriminação, a reserva da cidade contra ele... a cidade não o tratava ostensivamente por respeito à família dele, uma família tradicionalmente criadora do município. Os mais velhos o tratavam com indiferença. Nós, os moços daquele tempo, nos aproximávamos dele e aí conhecemos sua grande dimensão humana... acho que essa convivência começou por volta de 1954, quando eu estava começando o curso de Direito (PEREIRA *apud* SOUZA, 2011, p. 126).

Pelo exposto, podemos então entender José Bezerra Gomes como um homem intelectualizado, atento e questionador do mundo ao seu redor. Os dilemas pessoais que marcaram sua vida marcaram também sua produção literária. Quando analisamos a trajetória de Gomes, podemos pensar essa intelectualidade a partir das estruturas de sociabilidade estabelecidas em seu percurso como estudante e escritor para além das terras currais-novenses, considerando os contatos associados a essa vivência, pois:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de viver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Portanto, percebemos influências de uma trajetória de vivência temporária fora de Currais Novos associada a redes de sociabilidade intelectuais que chegam a abarcar até mesmo os elogios de escritores renomados nacionalmente como Jorge Amado (SOUZA, 2011, p. 77), com a crítica

literária do período da publicação associando-o à tendência dos romances regionalistas da década de 1930, sendo reconhecido até os dias de hoje como maior nome dessa vertente literária no Rio Grande do Norte (LIMA; RIBEIRO; SILVA, 2015). Com isso em mente, podemos então prosseguir em nosso objetivo de perscrutar como a modernidade currais-novense é apresentada na obra. Afinal, que modernidade seria essa, referente às primeiras décadas do século XX em uma pequena vila interiorana situada no sertão norte-rio-grandense, cuja representação foi elaborada por um intelectual como José Bezerra Gomes?

### **A modernidade currais-novense pelo olhar de José Bezerra Gomes**

A noção de modernidade carrega consigo uma ideia de ruptura com o passado, associando-se à ideia de novidade (PERINE, 1992). Entretanto, a pequena Currais Novos de *Os Brutos* é apresentada dotada de um misto entre as novidades proporcionadas pelo progresso econômico e as tradições conservadoras locais.

O progresso material seria a principal característica de uma modernidade currais-novense que dava seus primeiros passos. Como visto, José Bezerra Gomes cresceu presenciando as primeiras décadas do processo de urbanização da pequena vila, experienciando, posteriormente, o contato com a cidade grande quando partiu rumo ao prosseguimento dos estudos. Isso certamente constituiu uma influência importante no que concerne ao olhar de Gomes em relação a esse processo, enxergando as contradições nele existentes, inclusive no que diz respeito ao fato de que esse progresso material não representava necessariamente uma melhoria na vida de todos os currais-novenses.

Referente a esse processo de crítica à modernidade construída por Gomes, encontramos uma análise de Nicolau Sevcenko sobre o carioca João do Rio e seu texto *As Religiões no Rio*, de 1904, que refletem as vicissitudes modernas no Brasil de forma próxima ao encontrado em *Os Brutos*, o que reforça a compreensão da literatura como um produto artístico que não se alheia às questões sociais de seu contexto de produção:

Num país de estrutura arcaica, baseado numa economia agrária, esses produtos e potenciais tecnológicos eram avidamente absorvidos e assimilados como manifestações prodigiosas, autênticas epifanias que comprovavam a entrada do Brasil numa ordem cosmopolita, promissora de recursos, opulências e esperanças nunca dantes imaginadas. Não lhe interessava entretanto essa percepção mirífica dos aparatos da modernidade, tão louvados pela imprensa e intelectuais conservadores. O que o atraía era revelar o equívoco dessa enorme ilusão, o arrebatamento com que as elites se apegavam a essa falácia como um sucedâneo à sua incapacidade de transformar as estruturas retrógradas do país e o uso que faziam das virtualidades tecnológicas ao mesmo tempo como um recurso para legitimar sua preponderância social e para ampliar sua capacidade de controle compulsório sobre toda a



sociedade (SEVCENKO, 2003, p. 211).

Argumentemos com base nos acontecimentos que envolvem a família do narrador, o menino Sigismundo, que nos parecem ser significativos nesse sentido. Ao retornar ao sítio da família, Sigismundo relata o investimento do pai na plantação de algodão. Toda a esperança da família é depositada na safra do produto que estava sendo, naquele momento, responsável pela prosperidade material de quem o comercializava. Com a seca, a safra esperada se vai junto com a esperança da família que perde o sítio, já que este havia sido dado em garantia no empréstimo de uma alta quantia realizado com Seu Tota, justamente o homem que tanto enriquecera com a comercialização do algodão seridoense. Sem mais posses, decidem partir junto a tantos outros imigrantes, em busca de oportunidades no Sul do país. Tais acontecimentos que se dão com essa família na narrativa expressam o que sabemos sobre “membros dos grupos subalternos se apropriavam de símbolos dessa mesma modernidade a fim de utilizá-los em seu próprio proveito, com vistas a ampliar seu quadro de alternativas e possibilidades de sobrevivência ou até mesmo de promoção social” (SEVCENKO, 2003, p. 211). Entendemos, portanto, que a história da família do menino Sigismundo constitui uma crítica social nesse sentido: esse progresso não era para todos.

Vejamos também a ênfase dada a uma relação entre educação e modernidade, que aparecem associadas ao status social daqueles que tinham a possibilidade de ter acesso à instrução, tanto no que se refere às aulas do grupo escolar da vila, como aqueles que se destacavam por partirem para Natal ou outra capital a fim de dar prosseguimento aos estudos. O menino Sigismundo chega a confessar a vontade de se vangloriar de que os pais planejavam enviá-lo para estudar em Natal (GOMES, 1981, p. 43), comentando também a chegada pomposa do Doutor Anor da Silva, recebido com festa após se formar em Direito. A sociabilidade envolvida nessa questão aparece na cena do encerramento do período letivo no grupo escolar: “Era um dia de felicidade para todos os pais de família de Currais Novos. Os que não tinham filhos no grupo traziam os filhos assim mesmo para que vissem como a educação era bela” (GOMES, 1981, p. 33). Além disso, o desenvolvimento no setor educacional e das possibilidades de estudar fora aparecem também associado ao ciclo do algodão, em mais uma indicação de crítica social, tratando-se de oportunidades restritas à uma situação socioeconômica favorável:

Os meninos que tinham ido estudar no Colégio de Santo Antônio em Natal estavam voltando. Naquele ano de safra só de Currais Novos foram doze. Seu Aproniano tinha um filho que acabara o curso ginasial no Atheneu e ia estudar medicina na Bahia. Também estava sendo esperado um filho de Seu Vivaldo, que vinha formado em Direito (GOMES, 1981, p. 34).

Ademais, há o aspecto do conservadorismo enfatizado na obra. Na parte dos costumes,

Currais Novos estaria longe de ser moderna, vide o contraste apresentado entre as práticas, digamos, mundanas, e sua reprovação por personagens defensores de uma moral de base cristã. É significativo que os anos que José Bezerra Gomes viveu longe de Currais Novos tenham sido marcados pela boemia ao lado de seus companheiros intelectuais (SOUZA, 2011, p. 65), experiência que certamente contribuiu para a formulação de um olhar crítico em relação ao âmbito dos costumes interioranos. Um trecho do depoimento de José Cortez Pereira sobre a visão de Gomes em relação ao conservadorismo marcante na sociedade currais-novense é interessante: “No fim da vida, José Bezerra Gomes se reconciliou com Currais Novos. Quase por sentimentos religiosos, ele tinha refletido depois que a cidade, sozinha, se libertaria de suas tradições” (PEREIRA *apud* SOUZA, 2011, p. 127).

Assim, julgamos que a modernidade currais-novense é representada em sua peculiaridade: a restrição das possibilidades de ascensão social e econômica, assim como a manutenção de um conservadorismo provinciano. Em um cenário marcado pelas questões descritas acima, identificamos uma chave de leitura importante para a compreensão da representação da modernidade currais-novense na obra aqui discutida: as dualidades envolvidas nas interpretações do universo sertanejo, no qual se insere o cenário currais-novense, especialmente referente à literatura regionalista.

Busquemos aprofundar essa percepção. Ao falarmos da literatura regionalista, especialmente aquela que marca a década de 1930, devemos ter em mente o vínculo que ela possui com a questão identitária (VICENTINI, 2007). No caso da região Nordeste, como já vem sendo discutido na historiografia, especialmente a partir dos estudos de Albuquerque Júnior (2011), ela muito contribuiu para a formulação de discursividades acerca das características dessa região, em um processo de construção discursiva na qual muitas vezes as noções de Nordeste e Sertão se misturam.

Em *Os Brutos* podemos identificar esse regionalismo no que se refere ao Seridó potiguar, focalizado na narrativa. Uma região dentro de uma região, com uma identidade muito particular no contexto norte-rio-grandense, como bem observa Medeiros (2015) em sua dissertação sobre a obra de José Bezerra Gomes. Currais Novos e seu processo de modernização são narrados, portanto, em sua associação com um regionalismo que, de certa forma, apresenta uma identidade seridoense ao público leitor, que se estendeu ao âmbito nacional. Essa identidade se apresenta muito associada, entre outros elementos, com o próprio ciclo do algodão:

O algodão, o homem e a terra formaram o tripé da identidade seridoense. O ‘ouro branco’ do sertão foi tão evocado nesses discursos de integração do sertão a nacionalidade, que até hoje, apesar de não ter mais mercado significante no Seridó, continua vincadamente

marcando a identidade sertaneja. José Bezerra Gomes faz parte desse contexto, e nos traz representações dessa constituição por meio de *Os Brutos*. O discurso literário também atua como elemento simbólico, e nesse caso, o autor cumpre a função de apresentar o Seridó à nação (MEDEIROS, 2015, p. 96).

Dessa forma, temos uma narrativa que busca evidenciar que, mesmo com o progresso material que caracterizaria esse processo de modernização, essa identidade encontrava persistência, cabendo ressaltar o olhar crítico de Gomes em relação a essa realidade cuja representação elaborou em *Os Brutos*. Como observa Medeiros (2015), uma representação que carrega consigo um teor de denúncia:

No exercício de sua prosa, ele narrou os dramas da seca, fez um retrato do homem do campo, falou dos costumes, das tradições, dos valores, e da economia algodoeira situada no Seridó. Numa nítida crítica à sociedade, expôs problemas sociais como as relações de desigualdades, no tocante a questões que envolvem gênero, sexualidade, raça, divisão de classes, a delimitação dos espaços sociais atribuídos a cada um, e os valores morais que definiam o comportamento social. O autor é detentor de um nível de denúncia sutil, que ocorre por meio da exposição das desigualdades e da crítica à mentalidade e o comportamento desse grupo (MEDEIROS, 2015, p. 97).

Sendo assim, compreendemos a representação da modernidade currais-novense como sendo associada à crítica social presente na corrente literária a qual *Os Brutos* está vinculada, visto que o teor de denúncia constitui um dos elementos explorados na construção narrativa da literatura regionalista quando esta focaliza o imaginário em torno do Sertão (ALBERTINI, 2007, p. 189).

### Considerações finais

Após analisarmos a representação literária do processo de modernização currais-novense elaborada por José Bezerra Gomes em *Os Brutos*, concluímos que esta obra, reconhecidamente atrelada à literatura regionalista e de repercussão nacional, assume um lugar importante no que concerne às representações simbólicas desse processo em Currais Novos. Gomes falou de uma modernidade que excluía os “brutos”, partindo de um olhar crítico no que concerne aos limites do ideal de progresso civilizacional daquele momento, evidenciando a persistência dos costumes conservadores e da desigualdade social. Uma compreensão da mensagem da obra, certamente, vem na forma de uma pergunta provocativa: Qual progresso era desejado e para quem?

Não é à toa que, como visto, a obra encontrou reprovação entre alguns currais-novenses, no período de sua publicação. José Bezerra Gomes fazia parte de uma tradicional família seridoense e teve as oportunidades das quais precisava para seguir um caminho previsível para os filhos das elites locais daquela época, ou seja, alinhando-se àquela dita sociedade tradicional. No entanto, conviveu com o rechaço de quem se incomodou com a exposição das contradições de uma

sociedade que almejava desfrutar dos benefícios de uma modernização sem perder aquilo entendido como “tradição”.

Entendemos que a trajetória intelectual de José Bezerra Gomes certamente foi de grande contribuição para a formulação de sua crítica social. Afinal, outros membros das elites seridoenses também tiveram acesso à educação superior e à experiência em outras realidades longe dos limites da terra natal, mas Gomes se destacou pela postura crítica e interesse literário desde a juventude, na época em que frequentava o Atheneu. As redes de sociabilidade estabelecidas a partir de então foram relevantes para a formulação de sua visão de mundo e escolhas temáticas, devendo-se incluir nisso a influência da literatura regionalista da década de 1930 da qual, conforme entendemos, o autor de *Os Brutos* se aproximou especialmente no que se refere ao seu aspecto de denúncia social no âmbito das representações do sertão nordestino.

Entretanto, temos que reconhecer que, mesmo com esse teor de denúncia social, *Os Brutos* acabou sendo apropriado como referência a uma identidade sertaneja/seridoense, algo que, como sabemos, faz parte do amplo processo de construção identitária em torno da região Nordeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Como contribuiu para apresentar o que seria essa identidade à nação, atualmente, notamos que, no âmbito local, o nome de José Bezerra Gomes, que morreu no ostracismo em Natal, passou a ser valorizado como um currais-novense de destaque no cenário literário estadual e nacional. Isso certamente é interessante para refletirmos sobre como uma mesma obra pode ser recepcionada em diferentes épocas e o que isso pode nos dizer sobre os contextos históricos que possibilitam essa diferença.

Por fim, o texto de José Bezerra Gomes nos faz refletir sobre as subjetividades culturais e as identidades sociais que continuam sendo pouco conhecidas, assim como as multiplicidades nas imagens e vivências do Sertão, que nos são apresentadas sob uma ótica regionalista excludente e pouco divulgada. Conhecer José Bezerra Gomes é tomar partido de tantos brutos esquecidos e brutalizados ao longo da história. Assim, inspirados em Gomes, como crítica a essa estranha modernidade que exclui, nos ancoramos no pensamento de Nóbrega (2011b, 172), que diz: “o conhecimento tem que estar a serviço da vida”.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª Ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

CORTEZ, Edilma; CÂMARA, Eva. Os intelectuais e a imprensa periódica na configuração da modernidade curraisnovense (1925-1932). In: V Encontro Nordestino de História; V Encontro Estadual de História. Recife: **Anais do V Encontro Nordestino de História e V Encontro Estadual de História** – ANPUH-Recife, 2004, p. 1-11.

GOMES, José Bezerra. **Os Brutos**. 2ª Ed. - Natal: Editora Universitária, 1981.

LIMA, Kamila Costa de; RIBEIRO, Marcel Lúcio Matias; SILVA, Maria Adamires da. José Bezerra Gomes: representante do RN na literatura regionalista de 30. In: XI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: **Anais do XI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura** – UFBA-Salvador, 2015, p. 1-9.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. In: VII Congresso Internacional de História. Maringá: **Anais do VII Congresso Internacional de História** – UEM-Maringá, 2015, p. 3889 - 3901.

MEDEIROS, Gênisson Costa de. A Imagem da Princesa. In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de; SANTOS, Rosenilson da Silva (Org.). **Seridó Potiguar: tempos, espaços, movimentos**. João Pessoa: Ideia, 2011. p. 135-149.

MEDEIROS, Polyana Danielle da Silva. **Literatura e Direitos Humanos: uma crítica social em Os Brutos de José Bezerra Gomes**. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas), João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2015.

NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a Literatura. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 2 n. 3, 2011, p. 23-56.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. **O Nordeste como inventiva simbólica: ensaios sobre o imaginário cultural e literário**. Campina Grande: EDUEPB, 2011a.

NÓBREGA, Elisa Mariana de Medeiros. Posfácio: A poética como texto de si mesma. In: NÓBREGA, Geralda Medeiros. **O Nordeste como inventiva simbólica: ensaios sobre o imaginário cultural e literário**. Campina Grande: EDUEPB, 2011b, p. 171-174.

PERINE, Marcelo. A modernidade e sua crise. **Síntese**, v. 19, n. 57, 1992, p. 161-178.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. **Revista de História das Ideias**, 2000, v. 21, n. 1, p. 33-57.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ROCHA NETO, Manoel Pereira da; BARRETO, Laís Karla da Silva; CARVALHO, Isabel Cristine Machado de. Jornal O Galvanópolis (1931-1932): gênero e cultura no Rio Grande do Norte. **Fragmentos de Cultura**, v. 26, n. 3, 2016, p. 427-442.

SANTOS, Iara Maria Carvalho Medeiros dos; BARROS, Eva Cristini Arruda Câmara. Sob o signo da modernidade: a produção intelectual de Maria do Céu Pereira no Seridó norte-rio-grandense

(1931-1932). In: V Encontro Nordestino de História; V Encontro Estadual de História. Recife: **Anais do V Encontro Nordestino de História e V Encontro Estadual de História – ANPUH-Recife**, 2004, p. 1-13.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. **História Social**, n. 24, 2013, p. 51-73.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. Modernidade, Cultura Popular e táticas de preservação na alvorada republicana. **Revista de História**, n. 148, 2003, p. 205-220.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, RENÉ (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SOUZA, Joabel Rodrigues. **Centenário de José Bezerra Gomes**. Currais Novos: Fundação Cultural José Bezerra Gomes, 2011.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 2, 2007, p. 187-196.

*Recebido em: 30 de junho de 2022.*

*Aprovado em: 14 de agosto de 2022.*